

DO HERÓICO AO ERÓTICO: UMA LEITURA DE O GUARANI, DE AUDEMARO TARANTO GOULART¹

KÁTIA MENDES GARMES*

Alencar tornou-se um autor institucionalizado. Seus romances históricos e indianistas identificaram-se tanto com a construção ideológica da pátria brasileira, que nele se incorporou uma espécie de “Voz do Brasil”. A ópera *O Guarani* abre o programa diário do horário governista no rádio, e o romance foi um catalisador de um projeto de nação. Peri e Ceci, heróis de um passado mítico, alicerçaram valores necessários à manutenção do Império brasileiro. A literatura de Alencar sempre caminhou ao lado de seus propósitos políticos, às vezes tendo estes como objetivo, às vezes como tema, também como revanche. Há uma noção histórica de sua trajetória de homem do partido conservador, ministro de D. Pedro II e patrono das letras nacionais, mas Alencar foi muito mais e muito menos que tudo isto. É exatamente o surgimento de inúmeras indagações sobre a obra do político e do escritor Alencar, trazidas por esta inusitada leitura erótica de *O Guarani*, o que mais nos surpreende nesta tese.

Com a proposta de uma leitura que seja um ato de invenção, Audemaro acaba por rerepresentar-nos um autor que parecia ter sua obra, ao menos a literária, já tão bem esquadrihada pelos críticos. Em busca de um texto primeiro, que reproduza e interprete a realidade brasileira, frente a um texto segundo, que provém da tradição literária européia, com valores impostos por um discurso anterior,² Audemaro relê a construção mítica de Peri. Até então, travestido de herói pátrio, ele foi, incontestavelmente, o cavaleiro medieval dos trópicos.

¹⁾ Tese de doutoramento apresentada em 1993 ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP sob a orientação do Prof. Dr. Davi Arrigucci Jr.

* Mestranda em Literatura Brasileira na USP.

²⁾ Antonio CANDIDO, “De cortiço a cortiço”, in *Novos Estudos CEBRAP*, 30, São Paulo, jul. 91, p. 111-129.

Lendo nas entrelinhas do romance, conectando a descrição com a narração, o consolidado cavalheirismo de Peri é questionado. Utilizando recursos da psicanálise, numa análise erótica do romance, ele passa de herói a simulacro, segundo conceito usado por Platão. Em vez de copiar o modelo, europeu no caso, o simulacro acaba por só aparentá-lo, negando-o em sua essência. A partir deste ponto de vista, vamos caminhar entre os destroços e procurar compreender este outro Peri, que, em vez de reproduzir valores, acaba por incorporar uma revanche de seu povo e de Alencar, consciente ou não.

A erotividade explícita de alguns textos de Alencar, que chegou a ter uma peça de teatro, *As Asas de um Anjo* (1860), censurada pela temática “imoral”, não se encontra em *O Guarani*. Neste, “é preciso abrir as frestas do discurso, para encontrar o erótico nos seus desvãos. [...] os elementos que buscam o prazer se fazem presentes, por via indireta, privilegiando o seu caráter implícito” (p. 94).

A erotividade é uma marca de todo o período romântico. Na busca da expressão da sentimentalidade e da individualidade, que acaba por romper regras de linguagem e de comportamento, o romântico permite a fruição de toda forma de desejo. “Diferentemente da postura do autor neoclássico, que via a natureza como forma de subsumir racionalmente a emoção, o romântico faz com que ela, traduzindo o sentimento e a paixão, aliste-se no serviço de Eros” (p. 99).

Discutindo a leitura que Mário de Andrade fez da obra poética dos românticos brasileiros, o autor ressalta a forma singular como o erotismo se manifesta no período. Ao contrário de Mário, para quem as musas inacessíveis personificam o medo dos poetas frente aos seus desejos, para Audemaro é justamente este medo, o proibido, que intensifica ainda mais o prazer, como contrapartida do desejo.

A leitura que centra a atenção na pessoa do poeta “negligencia o diálogo fundamental que se estabelece entre o texto, enquanto uma cadeia de significantes, e o leitor, na sua condição de elemento interagente. Assim, fixa-se apenas o sujeito da escritura, em detrimento do eu lírico, numa perspectiva inteiramente dissociada do texto que se lê” (p. 106).

O sujeito da enunciação, o escritor ou o poeta, vai ao encontro de dois atores no processo de elaboração do texto: o eu lírico e o sujeito da leitura. Se o eu lírico não alcança o prazer, marcado pelo interdito, “o que está sendo realmente modulado é o prazer do leitor” (p. 118). “A participação do leitor é que determina o prazer, na forma de se estabelecer um jogo em que se produz a permuta de papéis” (p.117).

N’*O Guarani*, a descrição de uma exuberante natureza brasileira é utilizada para erotizar a narrativa. Alencar recorre a uma série de significantes que, primeiro utilizados para sexualizar a natureza, são posteriormente identificados em Peri e Ceci. Por um processo de relação metonímica, estes significantes deslizam da natureza para a narrativa, erotizando-a. Se o pássaro

beija a flor, Peri em seguida é caracterizado pelo pássaro e Cecília pela flor. Símbolos fálicos repetem-se na identificação de Peri, como as sugestivas imagens de raios de sol que “penetram a flor”, ou as águas do rio que “arfaram docemente”.

Na obra alencariana, a descrição de elementos da natureza acaba por armazenar informações com seus significantes recorrentes. Audemaro espanta-se com a afirmação de Antonio Candido, na sua *Formação*, de que, em *O Guarani*, Alencar não apela para um final feliz. Para aquele, o final do romance não deixa dúvida sobre o éden brasileiro.

Depois do incêndio, “a natureza orquestra uma harmonização de cores, perfumes, e sensações tácteis para saudar a transformação da virgem branca em mulher americana” (p. 178). “Não pode passar despercebida a identificação de Cecília à ‘rainha do deserto’, o que a torna uma espécie de consorte do ‘monarca das selvas’, que era Peri. Além de mais essa recorrência da imagística da conjunção, note-se a descrição que faz do local uma autêntica câmara nupcial: a relva era a alcatifa, as folhas constituíam o dossel, as grinaldas caracterizavam as cortinas. [...] Nesse momento, em que a narrativa expressa formalmente a verdade de que ‘Cecília amava’, o cenário recorre, no nível da expansão predicativa, aos significantes *planta* (Cecília) e *sol* (Peri), na sugestiva imagem da fecundação” (p. 182).

A tese é dividida em três diferentes leituras do romance: a heroica, tão nossa conhecida; a erótica, que humaniza os personagens míticos, situando suas ações no universo do desejo; e a leitura histórica, que se apresenta como uma síntese das duas primeiras.

A leitura erótica nega o heroísmo de Peri, inscrevendo a sua vitória no plano da sexualidade, como um selvagem mesmo, que, depois de ter encontrado seu objeto de desejo, demonstrado em seus momentos de voyeurismo, lutou e se apropriou da virgem branca. O heroísmo de seu auto-venenamento é colocado no nível de uma simulação, visto que este tinha fácil acesso ao antídoto, assim como sua suposta conversão ao cristianismo. Ao final do romance, quando Cecília manifesta seu desejo de voltar à sociedade dos brancos, relembrando Peri de sua conversão, este é categórico: “– Peri é um selvagem, disse o índio tristemente; não pode viver na taba dos brancos. – Por quê? perguntou a menina com ansiedade. Não és tu cristão como Ceci? – Sim; porque era preciso ser cristão para te salvar; mas Peri morrerá selvagem como Ararê.”

Historicamente sabemos que os portugueses invadiram uma terra já habitada. Mataram, escravizaram ou expulsaram o povo nativo para o interior, e possuíram as suas mulheres. É a história dos vencedores que se repete. Com a Independência, fez-se necessário, ao menos ideologicamente, recuperar este povo como raça formadora, junto com a dos invasores, da população brasileira.

D. Antônio de Mariz funda, no interior do Brasil, um pedaço de sua terra. Ele passou a negar seus serviços à coroa portuguesa, que a partir de 1582 é unida a de Espanha por estar órfã de D. Sebastião. Nestes seus domínios, ele reina absoluto, tendo poder de vida e morte sobre seus súditos. No Paquequer, os valores portugueses fundem-se aos católicos, como foi a marca da colonização portuguesa no Brasil. N' *O Guarani*, este mundo português transportado para o trópico literalmente implode, mas deixa a sua representante, Cecília, para começar uma nova raça.

Tendo a leitura erótica como contraponto a esta heróica, podemos observar como, historicamente, o romance inverte os fatos. "O canibalismo sexual de Peri, que submete a mulher branca [...] é uma ação que vira o lugar-comum ao avesso, convertendo-o em lugar próprio [...]. Afinal, Peri não deve ser visto como o herói grandioso do texto heróico e das leituras tradicionais, mas sim como o ser *excêntrico*, que investe contra aspectos identificadores da cultura européia e os deglute, submetendo-os a seu domínio, na dimensão metafórica da posse de Cecília" (p. 209-210).

Através da inversão provocada por seu personagem, Alencar pode alcançar um texto primeiro. Com Peri incorpora-se uma revanche à exploração que o país sofreu pelos portugueses. Ele não é o europeu nobre, como Álvaro, nem o vilão, como Loredano; tem as características de ambos ao mesmo tempo em que os nega, sendo um selvagem. Mas também, diferentemente de todos os outros selvagens, ele é o vencedor, protegendo e dominando Cecília.

Este simulacro, consciente ou não, revela um Alencar ainda pouco conhecido. Apesar de ser do Partido Conservador, ele mantinha uma enorme rivalidade com D. Pedro II, tanto política como literária. O Imperador, além de vetar sua indicação ao Senado, chegou a "importar" um "intelectual" português, de nome Castilho, que sistematicamente atacava a literatura de Alencar. Castilho era o Cincinato com quem Franklin Távora se correspondia, através dos jornais, ridicularizando *O Gaúcho*.

E os negros? Por que Alencar não os incorporou na formação do povo brasileiro? Audemaro, muito condescendente, questiona os comuns ataques ao Alencar conservador, lembrando-nos de que foram exatamente os conservadores que promoveram a fase final da Abolição. É importante esclarecer que, até a sua morte (1877), Alencar foi um crítico ferrenho de todos os movimentos abolicionistas. Em seus discursos na Câmara, ele denomina os escravos de "massa bruta" e "bestas feras",³ e seu voto foi contrário à lei do Ventre-Livre (1871). Todo cidadão tinha o direito de defender suas propriedades e escravo não era cidadão, era uma propriedade destes.

Com esta leitura erótica de *O Guarani*, Alencar acaba por ter seu nacionalismo ufanista desarticulado, ou melhor, desdobrado numa outra forma de nacionalismo: construtor da nossa alteridade. Peri, o herói, aproxima-se por semelhança à cultura do outro, do europeu, mas ao subverter

⁽³⁾ José de ALENCAR. "Elemento servil". Discursos parlamentares de José de Alencar - Deputado-geral pela província do Ceará (1861 a 1877), Brasília, Câmara dos Deputados, 1977, p. 181-243.

a história, constrói uma dessemelhança que nega este outro para constituir-se num eu, nem português, nem índio. Repensar as obras políticas e jurídicas de Alencar faz-se cada vez mais necessário, assim como reler *O Guarani*, depois de ler esta tese.